

MEDICALIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO CURRÍCULO CULTURAL DO TWITTER

Cláudio Orlando Gamarano Cabral¹

Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora/MG

Roney Polato de Castro²

Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

Resumo

O artigo apresenta alguns dos desdobramentos de uma pesquisa de doutorado em educação, com foco nos rastros de discursos medicalizantes das homossexualidades masculinas na rede social *Twitter* (atual 'X'). Foram acompanhadas discussões e foram recolhidos e armazenados tuítes, utilizando a técnica *print screen* (captura de tela), nos quais os conteúdos remetiam aos processos de medicalização da vida e da sexualidade no contemporâneo. A análise se pautou nos estudos foucaultianos e em estudos sobre medicalização, gênero, sexualidade e educação, sob a perspectiva dos estudos culturais e dos estudos pós-estruturalistas. Para o artigo, selecionamos dois tópicos de análise que dizem respeito a como o *Twitter* pode ser pensado como um currículo que aciona discursos sobre a medicalização, educando modos de existência para os prazeres e os riscos da adoção de certas substâncias como uso recreativo nas relações sexuais e como modo de aprimorar e adaptar os corpos a determinados padrões heteronormativos de masculinidade. Concluímos que o discurso medicalizante, como um dos mais importantes dispositivos contemporâneos de produção das sexualidades, tem efeitos pedagógicos na constituição de subjetividades, a partir de uma composição de enunciados médicos, biomédicos, farmacêuticos, estrategicamente apoiados na ciência e na biotecnologia, que circulam no currículo cultural das redes sociais, como o *Twitter*, engendrando condutas e comportamentos para os corpos de sujeitos homossexuais masculinos.

Palavras-chave

Medicalização; Homossexualidade masculina; *Twitter*.

¹ Doutor em Educação. Email: claog@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2896-4269>.

² Doutor em Educação. Email: roney.polato@ufjf.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6385-9096>.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos, desde que a obra original seja devidamente citada.

Situando a discussão entre educação, rede social e sexualidades

“É no sexo que se devem procurar as verdades mais secretas e profundas do indivíduo” (Foucault, 2010a, p. 85). Desde a modernidade, a sexualidade vem se configurando como um dispositivo de regulação e controle dos sujeitos. Se antes era necessário ‘envergonhar-se’ e ‘esconder’ tudo o que se relacionava ao ‘sexo’, a proliferação discursiva disparada desde então passou a produzir formas de narratividade e de confissão a partir das quais os sujeitos são posicionados socialmente e se ocupam de suas próprias experiências. A ‘verdade’ do ‘sexo’, como propõe Foucault (2010a, p. 85), revelaria as partes mais secretas dos sujeitos: “a estrutura de suas fantasias, as raízes do seu eu, as formas de sua relação com a realidade”.

Como dispositivo histórico, a sexualidade atravessa – e é atravessada por – outras dimensões da vida. Para produzir a verdade do sujeito, uma série de práticas históricas organizam as ações sobre as ações dos outros e sobre si próprio. A medicalização da vida, das sexualidades e das relações sociais compõe essa produção e interpela os sujeitos a assumirem certas posições e práticas. Estamos nos referindo à medicalização como um processo crescente, no qual as ciências biomédicas e a indústria farmacêutica reivindicam para si o poder de medicalizar múltiplos aspectos da vida, muito além do que se convencionou tratar como doenças, transtornos ou incômodos que possam afetar o corpo. Um processo que transforma questões eminentemente sociais, políticas e econômicas em questões biomédicas, alvo das ciências da saúde (Collares; Moysés, 1994).

Neste artigo, retomamos análises de uma pesquisa de doutorado em educação (Cabral, 2023), na qual problematizamos a constituição de homossexualidades masculinas a partir de rastros de discursos medicalizantes ‘tuitados’ por internautas. O que nomeamos como rastros discursivos é o que nos possibilita mapear a medicalização na topologia das postagens de sujeitos homossexuais masculinos na rede social *Twitter*³. Acionamos a noção de discurso inspirados em Foucault (2016, p.

³ À época de realização da pesquisa, a rede social era denominada *Twitter*, hoje é denominada ‘X’. Suas características de comunicação em tempo real e limite de 140 caracteres nos ‘*tweets*’ (*tuítes*, em português), tornou a rede amplamente usada para compartilhar notícias, opiniões e acompanhar eventos globais. Em 2022, Elon Musk adquiriu a plataforma e a renomeou para ‘X’ em 2023. Desde então, existem duas categorias de usuários/as: verificados/as e não-verificados/as. Para os/as primeiros/as, existe a possibilidade de as postagens no ‘X’ ultrapassarem os 140 caracteres, pois pagam a assinatura mensal.

55), para quem discurso é uma prática definida por um conjunto de regras próprias, menos como um conjunto de significantes que remetem aos objetos ou a conteúdos, mas sim “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”, ou seja, os signos de que são feitos os discursos não se limitam a designar as coisas, tornando-se irredutíveis aos atos de fala. Assim, não se trata de “um fenômeno de expressão”, mas “um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade” (Foucault, 2016, p. 61).

Discutir essas questões no âmbito de uma pesquisa vinculada ao campo da educação implica desterritorializar sentidos atribuídos ao que é ‘educativo’, ‘pedagógico’, ‘curricular’. Inspirando-nos nas proposições de pesquisadoras dos estudos culturais em educação, tomamos a rede social *Twitter* e seus elementos (tuítes, imagens, fotos, vídeos etc.) como produtora de relações pedagógicas (Camozzato; Costa, 2013). Seu currículo cultural aciona e articula saberes, aprendizagens, valores, sentimentos e práticas para disponibilizar certas posições-de-sujeito e contribuir para forjar subjetividades. A noção de currículo cultural aponta para o “caráter constitutivo, produtivo e regulador da cultura e de seus artefatos, especialmente os midiáticos”, impregnados “de discursos instituintes daquilo que funciona como ‘verdade’” (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 521).

Assim, consideramos que diversas instâncias do social e artefatos culturais estão envolvidos com relações em que se ensinam modos de ser, de estar no mundo, modos de relacionar-se consigo e com outros considerados mais desejáveis e legítimos. Um currículo que não se limita a uma lista de conteúdos e disciplinas, estando diretamente envolvido na produção do que nos tornamos (Paraíso, 2010). O currículo da rede social *Twitter* se organiza como “um território de multiplicidades de todos os tipos, de disseminação de saberes diversos, de encontros ‘variados’, de composições ‘caóticas’, de disseminações ‘perigosas’, de contágios ‘incontroláveis’, de acontecimentos ‘insuspeitados’” (Paraíso, 2010, p. 588). A teorização curricular pós-crítica nos inspira a pensar educação, pedagogia e currículo como processos e práticas de subjetivação, a partir dos quais nos tornamos o que ‘somos’. Entendendo que as subjetividades se forjam como efeito de práticas discursivas e jogos de poder, o currículo da rede social *Twitter* está envolvido na constituição de modos de vida. Daí perguntarmos pelos sujeitos homossexuais masculinos que se formam com esse currículo, entendendo-o como algo nunca definitivamente formado, de modo que a

pesquisa o faz ‘movimentar-se’, o faz ‘rachar-se’ para dar a pensar seus enunciados e os efeitos deles na produção de sujeitos e subjetividades (Paraíso, 2010).

A pesquisa operou rastreando os discursos no seu acontecimento, materializado nos tuítes produzidos por sujeitos homossexuais masculinos. Pretendeu-se analisar seus modos de funcionamento como instrumentos estratégicos de normalização social, engendrando condutas e educando formas de pensar e viver masculinidades homossexuais a partir do investimento contemporâneo na medicalização. O ‘rastrear’ é, nesse sentido, uma operação de fazer aparecer os enunciados que compõem esses discursos e buscar descrevê-los em suas relações com formas de saber, relações de poder e verdades do nosso tempo (Fischer, 1997). Rastros que podem ser lidos em suas nuances, nos seus silêncios e ruídos das vivências de sujeitos homossexuais masculinos, algo que poderia, à princípio, figurar como naturalizado, corriqueiro. Assim, acompanhamos conversas que se desdobraram em postagens, constituindo enunciações atravessadas por discursos medicalizantes (Foucault, 2016).

A escolha do *Twitter* como campo de pesquisa fundamentou-se em dois fatores inter-relacionados. Primeiro, em função da pandemia pelo Covid-19 e da consequente necessidade de isolamento social por ela perpetrada, o que impedia o emprego de estratégias metodológicas que exigissem contato direto com possíveis participantes. Segundo, pela maior facilidade em encontrar os sujeitos e registrar suas enunciações discursivas. Foi assumida a postura de ‘observador não sistemático’, reduzindo ao mínimo as interações com outros usuários. Isso significa que não foi realizado um acompanhamento em profundidade dos perfis, mas, utilizando as ferramentas de busca da rede social e perseguindo os rastros nas próprias postagens encontradas. Foram seguidos vários perfis que, de alguma forma, indicavam se associar a indivíduos de gênero masculino e/ou à homossexualidade masculina, por meio da identificação do uso de certos nomes e imagens culturalmente atribuídas a essas categorias.

Considerando a rede social *Twitter* como instância que permite a produção e o compartilhamento de informações entre seus/suas usuários/as, elementos como mensagens escritas em tuítes, fotografias, vídeos, *memes*, etc., se tornam dados rastreáveis e que dizem dos modos como os sujeitos interagem e se ocupam consigo mesmos. Foram produzidos arquivos com registros (*print screen*) das postagens que

foram armazenados para, posteriormente, serem retomados e problematizados com os referenciais foucaultianos e seus interlocutores/as. O devido cuidado ético foi tomado, considerando a atenção para manter os registros das postagens como anônimos e para retirar outros rastros que pudessem identificar diretamente os sujeitos.

A difusão e a ampliação da presença e do uso da Internet, bem como das redes sociais on-line, em nossos dias, são “caracterizadas sobretudo por uma ampliação dos lugares em que nos informamos, em que de alguma forma aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos” (Fischer, 1997, p. 62). Desse modo, o *Twitter* foi tomado como um dos diversificados espaços e artefatos envolvidos com “uma pluralidade de pedagogias em constante atividade”, que se atualizam constantemente “para adentrar os múltiplos âmbitos de nossas existências”, atuando como operadoras “dos discursos que intentam nos constituir” (Camozzato; Costa, 2013, p. 23). Essa rede social carrega uma ‘vontade de pedagogia’, condição da cultura no presente e imperativo “de ‘dar forma’ a sujeitos em uma infinita variedade de tempos, espaços e modalidades”, intensificando e refinando “as aprendizagens necessárias a tornar-nos governáveis” (Camozzato; Costa, 2013, p. 23).

A medicalização e a produção de sentidos sobre saúde sexual

Figura 1: André Dahmer. Medicalização da vida.



Fonte: Recurso on-line⁴.

Não é necessário estar envolvido com a pesquisa acadêmica para perceber o quanto nossas vidas são permeadas por questões relacionadas à saúde e à

⁴ Tirinha encontrada na Internet. Disponível em: <https://psicologiadospsicologos.blogspot.com/2011/09/medicalizacao-da-vida-parte-2.html>. Acesso em: 16 mai. 2025.

medicalização na contemporaneidade. Também não é preciso que sejamos bons/boas observadores/as para percebermos o quanto o número de drogarias vem crescendo pelas cidades nas últimas décadas. Afinal, como sugere a charge que abre esta seção, “já dispomos de remédios para dormir, transar, sorrir e suportar o trabalho”, basta, então, ter cuidado para não misturar os medicamentos que servem para ajudar a tolerar o trabalho com aqueles destinados para dançar ou transar. Frequentemente, a ideia de ‘remédio para transar’ está relacionada ao uso de medicamentos para disfunção erétil, como sildenafila (conhecido comercialmente como Viagra), tadalafila e outros.

Trata-se de um contexto de intensificação dos processos de medicalização da vida e da sexualidade. As possibilidades anunciadas por produtos farmacológicos que prometem melhorar o desempenho físico e sexual são parte desses processos. Além disso, novas estratégias de prevenção medicamentosa às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e ao HIV, como o uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e da PEP (Profilaxia Pós-Exposição), destinadas a pessoas em ‘situação de vulnerabilidade para o HIV’ e a utilização das chamadas ‘drogas de uso recreativo’ ou ‘drogas de escolha’ (aquelas que não se destinam a doenças, danos ou deficiências que possam acometer os sujeitos, mas cuja função é a potencialização do corpo e de suas performances) apontam para as tensões e ambiguidades na relação entre a busca por melhorias no desempenho físico e sexual e as dimensões da saúde sexual (Rohden, 2017).

Substâncias farmacológicas e medicamentosas vêm sendo resignificadas em seu sentido estrito relativo a justificativas médicas e em prol da saúde, passando a englobar elementos diversos ligados ao aprimoramento das experiências corporais e a noções de satisfação e realização pessoal. Desse modo, os indivíduos não seriam apenas pacientes, mas consumidores/as de serviços, cirurgias, tratamentos, medicamentos, suplementos e outras substâncias, indicando que o corpo tem sido cada vez mais compreendido como um ‘projeto’ passível de múltiplas formas e graus de intervenção (Rohden, 2017). Nesses casos, os/as médicos/as deixam de ser agentes centrais, outros/as profissionais do campo da saúde e outros indivíduos, como influenciadores/as digitais, entram em cena. Frequentemente, os/as próprios/as indivíduos se envolvem ativamente em processos de autodiagnóstico e na busca por

novas experimentações com substâncias, convertendo-se em ‘*experts*’ na avaliação de riscos e benefícios (Rohden, 2017).

Retomando a ideia da charge que abre esta seção, as ‘drogas para transar’ visariam tanto tratar condições como diminuição do desejo ou da potência sexual, quanto incrementar ou potencializar performances sexuais. Tornam-se, assim, ‘drogas de estilo de vida’, não mais envolvidas apenas no tratamento do corpo doente, mas em mudanças comportamentais e experimentações no âmbito das práticas sexuais. Como argumenta Le Breton (2014, p. 63), os psicotrópicos se oferecem como “auxiliares técnicos de existência”, que estabelecem uma “fantasia de domínio de si diante da turbulência do mundo, concorrendo para a ciborguização do indivíduo, para a eliminação de fronteiras entre o que depende de nós em um comportamento e o que cabe a uma técnica exterior”.

Trata-se de uma tecnificação biomédica da vida (Dantas, 2009) a partir de enunciados que interpelam os sujeitos a tomarem a si mesmos/as como objeto de atenção, intervindo em diferentes situações, produzindo novas sensações, ampliando prazeres e adaptando o corpo para a sobrevivência em um mundo no qual cada vez mais se exploram as forças de trabalho e de consumo. Tais enunciados medicalizantes rompem os ‘muros’ das indústrias e as ‘paredes’ dos consultórios, tornando-se um “discurso comum, quase necessário, para aqueles que buscam sucesso e felicidade no mundo contemporâneo” (Dantas, 2009, p. 566). Assim, vai além do ato de utilizar um medicamento ou procurar um serviço de saúde para tratar e curar doenças, capturando múltiplos processos envolvendo saúde, bem-estar e a vivência de desconfortos físicos e emocionais. Os efeitos desse discurso podem ser rastreados a partir do currículo cultural das redes sociais, pelos modos como sujeitos homossexuais masculinos narram suas experiências com substâncias e medicamentos que produzem formas de vivência das sexualidades pautadas na maximização de prazeres e na tentativa de driblar falhas, dores e impotências.

A medicalização, sob essa perspectiva, envolve estratégias regulatórias de enquadramento dos corpos aos padrões e às vivências legítimas e valorizadas no âmbito da sexualidade. Estratégias de olhar, nomear, classificar e enquadrar sujeitos nas normas discursivamente inscritas na produção de sentidos sobre si e sobre as relações com outros e com o mundo no currículo cultural das redes sociais, a partir do qual constituímos formas de ser, viver, compreender e explicar o mundo. Esse

currículo, como uma textualidade, está impregnado de discursos que funcionam como verdades, produzindo significados sobre o corpo, sobre a sexualidade, sobre as masculinidades que são intercambiados pelos sujeitos da cultura (Costa; Wortmann; Bonin, 2016).

Assim, um corpo pode ser objetificado e diagnosticado como anormal, fora do padrão, e a ele poderão ser indicados tratamentos médicos, acompanhamentos psicológicos, modificações estéticas. O que estamos enfatizando é que a medicalização funciona como estratégia educativa e política de intervenção e normalização dos corpos. Em se tratando do dispositivo histórico da sexualidade, como propõe Foucault (2011), de muitos e diversificados modos, essa estratégia envolve a afirmação heteronormativa da vida, que pode legitimar a intervenção dos discursos medicalizantes, a fim de, por exemplo, conformar os corpos de sujeitos homossexuais masculinos.

Foucault (2010b) argumenta que a Psiquiatria, enquanto ciência médica, irá codificar o perigo social representados pelos chamados anormais, passando a designá-lo como doença, o que alça essa ciência como técnica política de intervenção com efeitos de saber-poder próprios, atuando como reguladora e instituidora de dispositivos e instituições sociais. Assim, justifica-se sua intervenção científica e autoritária na sociedade, atuando na higiene pública e na proteção social, pois tal ciência consegue perceber perigos onde outros não podiam ver, justamente por ser um conhecimento médico (Foucault, 2010b). Entre os incorrigíveis e indesejados, encontravam-se os 'invertidos sexuais', aqueles cujo instinto foi transformado em doença mental, analisando até mesmo as condutas mais cotidianas. Assim, por meio das relações de saber-poder por ela instauradas, no século XIX, os homossexuais se tornam uma legião movida por instintos primitivos e degenerados, sendo alvo de intervenção psiquiátrica em função de sua natureza anormal (Foucault, 2010b).

Nos diversos espaços, rituais e artefatos culturais os enunciados medicalizantes e os enunciados heteronormativos se hibridizam, de modo que podemos argumentar sobre seus efeitos pedagógicos na educação dos sujeitos. Sobretudo, quando nos detemos em uma discussão sobre as redes sociais, como o *Twitter*, acompanhamos os modos como esses enunciados híbridos circulam e são reiterados, performativamente, nos tuítes, comentários, posts, imagens, vídeos e outros recursos associados ao funcionamento dessa rede e que compõem seu

currículo cultural. Na pesquisa, acompanhamos, a partir desses recursos, os modos como valores de certa masculinidade, apoiados no ideal de um corpo padrão, ‘em forma’, másculo, musculoso e viril, são negociados, aceitos ou refutados pelos sujeitos homossexuais. Para este artigo, selecionamos dois tópicos de discussão produzidos no âmbito da pesquisa, com foco no uso de substâncias recreativas e potencializadoras de certas performances sexuais.

“Sexo bom é só com crystal”? Drogas de uso recreativo, saúde, prazer e sexualidade

O currículo cultural da rede social *Twitter* aciona diferentes formas de conhecimento para educar os sujeitos. Nesta seção, tomamos a postagem de um profissional da saúde como modo de analisar as disputas e as negociações em torno dos discursos médicos no que tange às drogas de uso recreativo. O tuíte tem autoria assumida: se trata do médico infectologista Vinícius Borges, especializado em ‘Saúde LGBTQIA+’. A postagem tem como foco o uso de uma substância chamada ‘cristal’, *“que no Brasil afeta principalmente minorias já estigmatizadas como homens gays e bissexuais”* merecendo ser tratada *“como questão de saúde pública”* (2022). A saúde pública envolve estratégias políticas de gestão, assistência, controle e desenvolvimento das potencialidades vitais da população, que visam a administração da vida, da morte e do adoecimento. Assim, está atrelada a uma biopolítica da população como dimensão do exercício do poder sobre o “corpo-espécie”, a partir de uma série de controles reguladores e de intervenções visando a administração dos corpos e a gestão da vida (Foucault, 2011).

Por saúde pública, podemos entender um conjunto complexo e disputado de elementos que envolvem, entre outras coisas, a prevenção, a proteção e o combate a fatores que coloquem em risco a saúde e o bem-estar das populações, lançando mão de ferramentas da biotecnociência para melhorar condições de vida de indivíduos e populações, atuando para intervir nos limites impostos pela dimensão orgânica à condição humana (Schramm, 2019). Trata-se, sob inspiração foucaultiana, de uma forma de estatização do poder sobre a vida humana, visando gerar, administrar e regular a população e os indivíduos. O tuíte aciona a reivindicação de uma política que vise educar e proteger das implicações negativas que o uso do ‘cristal’ provoca.

Vamos falar do ‘cristal meth’, uma substância cujo uso tem crescido exponencialmente no Brasil e já se tornou um grave problema na Europa e nos Estados Unidos há muito tempo. Tiveram que acionar as autoridades de lá e fazer políticas públicas específicas, o que ainda nem se fala no Brasil. O risco de dependência psicológica é altíssimo! Crystal meth (metanfetamina), cristal ou Tina, é um estimulante poderoso que pode deixar alguém acordado por longos períodos de tempo e fazê-la se sentir autoconfiante, poderosa e extremamente excitada sexualmente. No entanto, o grande problema do crystal é que estas sensações extremas durante o sexo apresentam um alto risco para dependência psicológica. A pessoa passa a acreditar que sexo bom é só com crystal. [...] Muitas pessoas podem passar horas sem dormir ou sem comer. Apenas transando. Além disso, algumas também podem se tornar paranoicas e outras agressivas. Outros efeitos são: inibições reduzidas aumentando a probabilidade de assumir riscos; prolongando o tempo para gozar; desenvolvimento de ‘pau de cristal’, onde seu pênis não fica ereto o suficiente para penetrar ou se masturbar, mas você ainda está com tesão; interesse em um sexo diferente (hiperssexualidade) do que você faria quando não usasse nenhuma substância (sóbrio); interesse em fazer coisas que são mais perigosas do que você faria sóbrio, por exemplo, fazer você praticar sexo sem preservativo ou BDSM; sessões de sexo prolongadas devido à capacidade de ‘continuar’, o que pode resultar em rompimento do preservativo ou ferimentos no pênis, vagina ou ânus. [...] (2022).

Diferente de outros tuítes comumente encontrados na rede, a postagem, além de longa, apresenta a preocupação em informar, de forma técnica e didática, homens homossexuais e bissexuais sobre os principais efeitos do *crystal meth*. Na contemporaneidade, essa se torna uma preocupação, pois a realização prazerosa da sexualidade se coloca não apenas como um direito, mas como um “‘imperativo’ ao qual todos/as estamos submetidos e a partir do qual somos valorados/as, classificados/as e posicionados/as como mais ou menos bem-sucedidos e saudáveis” (Meyer; Klein; Andrade, 2007, p. 221). Trata-se de uma ‘droga de escolha’ (Rohden, 2019) que tensiona sentidos de saúde e bem-estar em prol de experiências que possibilitam incrementar ou potencializar performances sexuais. O uso de uma substância que estimula, mantém acordado e que pode fazer alguém se sentir autoconfiante, poderoso e excitado sexualmente, pode estar associado a ideia de que viver o prazer envolve a disposição e a capacidade de “enfrentar e de correr determinados riscos, que atualizam uma relação que, historicamente, se faz entre prazer e perigo” (Meyer; Klein; Andrade, 2007, p. 221).

A utilização de drogas de uso recreativo nas relações sexuais, como modo de potencializar sensações prazerosas e, em certa medida, superar limites orgânicos, pode trazer implicações para a saúde, como alerta o tuíte. Junto à redução das inibições, do aumento de interesse por práticas ‘diferentes’ e ‘perigosas’ (exemplificada pelo médico como praticar sexo sem preservativo), do aumento na

probabilidade de assumir ‘riscos’ durante o sexo, do prolongamento do tesão, há o risco da dependência psicológica e da exposição a adoecimentos. Porém, há que se considerar o imperativo contemporâneo de que ser feliz e ter mais prazer no âmbito da sexualidade, envolve ‘sair da rotina’, ‘inovar’, ‘experimentar sensações novas’ (Meyer; Klein; Andrade, 2007). Os ‘riscos’ enumerados no tuíte parecem estar associados às preocupações em torno da contaminação por IST, sobretudo pelo HIV, considerando a emergência do conceito de ‘sexo seguro’ e as negociações e conflitos assumidos pelos indivíduos em torno dele.

Em sua textualidade, o currículo cultural do *Twitter* aciona saberes médicos que educam sujeitos no sentido de alertá-los para os perigos do sexo com uso do *crystal meth*. Ensina-se sobre riscos e sobre efeitos, sem, no entanto, adotar uma perspectiva moralizante do exercício da sexualidade. Considerando se tratar de um tuíte elaborado por um médico infectologista, é possível identificar estratégias que, ao alertar sobre os riscos e efeitos, atuam como pedagogias para intensificar e refinar as aprendizagens necessárias a tornar-nos governáveis e a nos autogovernarmos (Camozzato; Costa, 2013). Tal vontade de pedagogia “integra a governamentalidade como um traço dela e, efetivamente, investe sobre nós para que governemos a nós próprios e aos demais”, ou seja, “há vontade de pedagogia posto que há vontade de conduzir sujeitos, que há vontade de governar” (Camozzato; Costa, 2013, p. 23). Seu caráter pedagógico associa-se a forma como faz perpetuar certos modos de vida e como faz com que certos saberes se perpetuem.

O currículo cultural do *Twitter*, com seus tuítes, *posts*, imagens, etc., tem uma materialidade discursiva capaz de gerar e veicular discursos, o que nos possibilita analisar sua condição de constituidor de subjetividades. Enquanto texto curricular, aciona uma multiplicidade discursiva reunindo um conjunto de enunciados que instituem matrizes de sentido, enunciados sempre povoados de outros enunciados (Fischer, 1997). Assim, embora identifiquemos que se trata de um médico infectologista como produtor do tuíte que tomamos como materialidade discursiva, “não estamos diante da manifestação de um sujeito, e sim, nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade”, considerando que “o sujeito da linguagem não é um sujeito em si [...] ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem” (Fischer, 1997, p. 64).

Além disso, ao apelar para a utilização de substâncias como o *crystal meth* como uma questão de saúde pública, o tuíte parece dialogar com perspectivas de vulnerabilidade que consideram as chances de exposição a adoecimentos como resultantes de aspectos que extrapolam o nível individual, envolvendo aspectos contextuais e coletivos (Meyer; Klein; Andrade, 2007). A maior suscetibilidade aos ‘riscos’ decorrentes da utilização de drogas de uso recreativo estaria, assim, atrelada à maior ou menor disponibilidade de recursos de proteção, que vão desde as condições objetivas da situação e do ambiente, passando pelas condições sociais e culturais que possibilitam às pessoas pensar e modificar seus comportamentos, até o acesso a informações (incluindo a possibilidade de compreendê-las e incorporá-las às vivências cotidianas), recursos materiais, serviços de saúde e programas de prevenção e cuidado. Assim, as pessoas não seriam, em si, vulneráveis, mas podem se tornar vulneráveis em função de diferentes fatores e em diferentes momentos de suas vidas (Meyer; Klein; Andrade, 2007).

O uso do *crystal meth* está associado ao *chemsex*, ou sexo químico, termo criado pelo ativista LGBTI+ inglês David Stuart, que junta as palavras inglesas *chemical* e *sex*. Para Belmiro Fernandes (2020), não se pode reduzir o *chemsex* à prática de relações sexuais com utilização de substâncias psicoativas, quer sejam lícitas ou ilícitas, pois é preciso considerar que o termo surgiu para nomear um fenômeno comportamental entre sujeitos LGBTQIA+, especialmente homens que fazem sexo com outros homens. Ou seja, na sua origem, o nome cria e demarca pessoas já estigmatizadas socialmente, quer pelo uso de drogas ilícitas, quer por praticarem relações não-heterossexuais.

A partir das falas de homens homossexuais que fizeram parte da pesquisa de Belmiro Fernandes (2020), existem divisões entre os sujeitos que participam dos encontros que envolvem o *chemsex*, havendo, porém, um padrão entre os participantes, aquele que, para ser tornar desejado, precisa ser “musculoso, com percentual de gordura baixo, com dotes físicos atrativos, sedutor tanto sob o ponto de vista da carne como das condições financeiras” (Fernandes, 2020, p. 15). Na ausência desse padrão, “precisa apresentar outros tipos de atrativos. Pode ser a simpatia, ou ainda o acesso a clubes e festas exclusivos, o próprio dinheiro ou ainda a droga” (Fernandes, 2020, p. 16). No tuíte aqui analisado, observamos que o uso do *crystal*

meth pode produzir desinibição e mais confiança, o que nos conduz a associar esse uso a estratégias compensatórias em relação aos dotes físicos e financeiros.

Retomando a perspectiva de que a medicalização excede o campo da medicina *stricto sensu*, argumentamos, a partir do tuíte, que o uso de determinadas substâncias no âmbito das relações sexuais se inscreve nos processos de produção e controle da sexualidade. Ao alertar que “*a pessoa passa a acreditar que sexo bom é só com crystal*”, as substâncias podem figurar como “auxiliares técnicos de existência”, de acordo com o que propõe Le Breton (2014, p. 63), criando uma “fantasia de domínio de si diante da turbulência do mundo, concorrendo para a ciborguização do indivíduo”, que habita a fronteira “entre o que depende de nós em um comportamento e o que cabe a uma técnica exterior” (Le Breton, 2014, p. 63), no caso, as drogas e a medicalização.

O tuíte ainda permite discutir a biomedicalização como possibilidade de moldar o corpo, tomá-lo como um ‘projeto’ (Rohden, 2019), a partir de solicitações e desejos que nossa cultura nos permite acessar. Quer sejam por visões narcisistas ou ideológicas do que seja o bem-viver ou o estar com saúde, os produtos médicos/farmacêuticos se tornam cada vez mais necessários e indispensáveis. A biomedicalização chama a atenção para as novas ferramentas e soluções disponibilizadas pela tecnociência para os indivíduos, contribuindo para a convicção de que as capacidades do corpo humano são ilimitadas (Zorzanelli; Ortega; Bezerra Júnior, 2014, p. 1864).

“Gays ipanemers tomam ¼ de viagra antes de ir pra paia”: intervenções nos corpos sob efeito dos padrões

As possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento de dispositivos biotecnológicos aos corpos masculinos têm se ampliado, como forma de reduzir a sensação de ‘anormalidade’ e adequar-se às expectativas sociais, padrões e desejos próprios de nossa cultura. Trata-se de possibilidades que podem ser pensadas como uma simulação farmacológica da existência com distintas motivações: “por opção, por preocupação com o desempenho, como o controle de si etc.” (Le Breton, 2014, p. 57). Um caminho bioquímico que pode ajudar contra as provações do mundo, na gestão dos problemas existenciais comuns e suas asperezas (Le Breton, 2014).

Um dos tuítes destacados com a pesquisa contribui para pensar essa provocação de Le Breton (2014). A postagem, que chegou ao *trend topic* no *Twitter*, se expandiu nas redes, gerando comentários e até reportagens (Com..., 2020). O internauta postou: “*Algumas gays Ipanemers malham antes de ir pra praia pra manter os músculos inchados e tomam ¼ de viagra pra ficar meia bomba o tempo todo e chamar atenção na praia*” (2019). “*Gays Ipanemers*” se refere aos sujeitos homossexuais masculinos que frequentam as praias mais badaladas do Rio de Janeiro, como a praia de Ipanema. O uso do Viagra para ficar “*meia-bomba*” e se destacar na praia está associado com a produção farmacológica de corpos possibilitada pelas atuais tecnologias biomédicas. A preocupação com o tamanho do pênis é um ‘fantasma’ que assombra muitos homens. Os filmes pornográficos operam como pedagogias que atuam na construção dessa cultura falocêntrica, a qual pode levar ao desejo de aparentar um pênis maior para impressionar possíveis parceiros, podendo dizer, também, de uma “*baixa autoestima de muitos gays com os seus pênis*” (2020), como diz um internauta.

Preciado (2018) argumenta que, por anos, a pornografia tem sido uma tecnologia visual “dominante dirigida ao corpo masculino de forma a controlar sua reação sexual” (Preciado, 2018, p. 31). Após 1950, a indústria farmacêutica buscou uma forma de desencadear a ereção, e a consequente resposta sexual masculina, por meio de recursos como próteses cirúrgicas e químicas. Desde as primeiras próteses de polietileno utilizadas para compensar a falta de ereção até o desenvolvimento marca-passos penianos, chegamos ao momento em que os laboratórios Pfizer criaram o Viagra, em 1988, como tratamento químico para disfunção erétil (Preciado, 2018, p. 31). Embora possa apresentar riscos à saúde e exigir recomendação médica, o Viagra tem figurado como uma das ‘drogas de escolha’ que, à princípio, era endereçada ao tratamento de disfunções eréteis, passando a ser usada também como forma de potencializar e incrementar certas performances sexuais.

De acordo com Fabíola Rohden (2009, p. 89), “desde o lançamento oficial do Viagra, em 1998, temos assistido à consolidação de uma nova era no processo de medicalização da sexualidade, em muito orientada pela presença da indústria farmacêutica”. Nesse sentido, Rohden (2009) argumenta que essa medicalização é um fenômeno amplo que envolve mais do que a definição de um comportamento como

desviante, pois trata também das descobertas científicas que os legitimam e sugerem tratamentos que envolvem uma vasta rede de jogos de interesses sociais, políticos e econômicos.

Enquanto os primeiros sexólogos se ocupavam com anomalias na sexualidade reprodutiva ('doenças venéreas' ou impedimentos físicos para a prática sexual), a nova ciência sexológica, ou 'ciência do orgasmo', "elabora primeiramente a norma do orgasmo ideal e dela retira as anomalias, que estaria pronta a curar" (Rohden, 2009, p. 92). Para a autora, o que essa nova ciência do orgasmo faz "é substituir a separação entre normalidade e anormalidade [em relação à ereção peniana] por um contínuo da disfunção" (Rohden, 2009, p. 92) do organismo. Em um primeiro momento, até a década de 1980, a preocupação com a impotência sexual masculina girava em torno de questões psicológicas e, mais precisamente, se destacava o próprio medo da impotência como seu causador, o que poderia ser contornado por terapias, aconselhamentos ou tratamentos hormonais, alimentares ou próteses, por exemplo. Depois, passou-se a considerar a disfunção erétil como uma falha impeditiva da capacidade de penetração do pênis, como destaca a autora.

Rohden (2009) assevera que a grande novidade do século XX é que se passa de uma concepção e de um entendimento que "admitia o declínio da vida sexual no decorrer do tempo, e na qual até se suspeitava pejorativamente da atividade sexual na velhice, para uma outra na qual se torna obrigatório o bom desempenho sexual até o limite da vida" (Rohden, 2009, p. 98). Foi nesse mesmo contexto que se começou a divulgar, midiaticamente, que a atividade sexual é uma "condição necessária para uma vida saudável e que a capacidade erétil definiria a virilidade durante todo o curso da vida masculina" (Rohden, 2009, p. 98), como somos levados a acreditar em nossos dias.

A autora chama nossa atenção para os desdobramentos de um ato performático do doutor Giles Brindley, que provocou a ereção de seu pênis ao injetar *phenoxybenzamina* na frente de todos/as que participavam de um congresso, em 1983. Esse ato disparou um movimento de mudanças de abordagens que levaram ao abandono do termo pejorativo de impotência sexual para um mais moderno: o de disfunção erétil. Essa mudança de tratamento, ao mesmo tempo em que mostra que a ereção é "um evento eminentemente fisiológico em detrimento dos aspectos psíquicos" (Rohden, 2009, p. 98), sugere, ainda, a ideia da disfunção sexual masculina

como uma “doença orgânica tratável é também um problema de saúde pública” (Rohden, 2009, p. 98).

Sucesso de vendas como uma droga ligada a estilo de vida e de conforto, o Viagra surgiu como um medicamento para tratar uma doença e manter a ereção, ou seja, ele não é vendido como um afrodisíaco. Isso nos permite perceber o surgimento e o desenvolvimento de uma ‘ciência molecular da sexualidade’ à qual se associa, em nossos dias, a “ideia de constante vigilância e do consumo de produtos para garantir a saúde erétil, símbolo de masculinidade e saúde física e emocional” (Rohden, 2009, p. 99). Afinal, como nos lembra Preciado (2020), historicamente, pênis, testículos e esperma em sua relação com vaginas, úteros e óvulos, foram alvo de uma “gestão biopolítica diferenciada”, ou seja, “enquanto os óvulos e o útero foram objeto de privatização social e de cerceamento econômico, o esperma, entendido como fluxo soberano, é um líquido cuja circulação pública tem sido promovida politicamente como índice de poder, saúde e riqueza” (Preciado, 2020, p. 80).

Outro importante aspecto a considerar acerca do sucesso do Viagra é: ele só é possível numa sociedade que acredita e propaga valores de masculinidade apoiados na virilidade e na potência masculina determinada pelo pênis e seu desempenho, mesmo que essa potência venha de fora do corpo, isto é, mesmo que ela exceda o corpo (Preciado, 2020). O que nossa cultura nos ensina sobre um homem sem ereção? Que pedagogias de masculinidade estão em operação nessa associação entre masculino, pênis e seu desempenho? Como a ereção, aliada a um corpo másculo e sem traços ou trejeitos identificados com o feminino, torna-se relevante para pensar o modelo de corpo macho-heterossexual padrão socialmente difundido? O Viagra parece resolver problemas ligados à vulnerabilidade, falta de controle ou imprevisibilidade do corpo masculino, não importando a idade, visto o medicamento prometer um ‘up’ na potência, enquanto essa passa a ser considerada como questão de saúde necessária aos sujeitos masculinos em suas constituições. Como visto anteriormente, ter saúde, em uma sociedade medicalizada, é muito mais do que não ter uma doença ou algum incômodo, é ser mais, é exercer a potência, é ter poder sobre si e determinar sua conduta.

A busca por parecer mais viril não diz respeito apenas à busca por parecer ter um pênis maior, como vimos no uso de Viagra por gays na praia, mas envolve aspectos ligados à beleza, ao ‘corpo definido’ (malhado, sarado) e outras marcas

sociais ligadas à masculinidade heterossexual. Isso tem levado homens gays aos consultórios médicos. Se, há alguns anos, certos procedimentos estéticos eram considerados tabu no ambiente masculino, novos padrões de beleza vão sendo forjados, o que implica, mais uma vez, conceber o corpo como ‘projeto’ biopolítico de constante intervenção, adaptando-se às novas configurações valorizadas. Procedimentos para eliminar gorduras localizadas, para melhorar a aparência do pênis, em tamanho e espessura, para reduzir flacidez, machas e estrias, entre tantos outros, vêm sendo demandados por sujeitos que pretendem se tornar socialmente e subjetivamente mais aceitos. Trata-se de interferências que vão do plano bioquímico ao anatômico, com fins de aprimoramento e de satisfação pessoal (Rohden, 2019).

Conforme assinala um usuário do *Twitter*, o que assistimos hoje é a “*harmonização servindo para padronizar ainda mais as gays padrão*” (2021). Esse é mais um dos enunciados do currículo cultural dessa rede, educando para pensar o corpo e as normas. Por “gay padrão” entendemos uma posição-de-sujeito ocupada ou atribuída a sujeitos que se enquadram em determinados estereótipos de masculinidade, de juventude e de aparência física, alinhados a perspectivas heteronormativas. Um exemplo de intervenção sobre o corpo nos moldes desse ‘padrão’ são as intervenções no rosto, como a harmonização fácil, que produz feições consideradas mais viris, masculinas. A preocupação com o corpo vem ocupando uma parcela significativa de sujeitos homossexuais. Conforme reportagem da revista *Carta Capital*, ao serem perguntados sobre o porquê estarem infelizes com seus corpos, “84% dos homens que a responderam disseram sentir uma intensa pressão em ter um ‘corpo bom’” (Branquinho, 2020, recurso online). Perguntados sobre o quão satisfeitos esses entrevistados estavam com seus corpos, de cinco mil respostas, “10% responderam ‘muito infeliz’, 49% ‘infeliz’, enquanto 23% disseram ‘feliz’ e apenas 1% ‘muito feliz’”. De acordo com a reportagem, “os homens gays crescem com essa sensação de inadequação, de que serem quem são, pode lhes custar o amor e a felicidade; de que serão rejeitados apenas por serem eles mesmos” (Branquinho, 2020, recurso online).

A medicalização, associada à ideia de um corpo “*perfeito*” e “*padrão*”, é um discurso veiculado por campanhas publicitárias e outros artefatos culturais, educando para a produção de corpos formatados segundo a heteronormatividade. No *Twitter*, pudemos acompanhar alguns dos efeitos dessa discursividade: “*mais uma noite indo*

dormir chorando depois de ter visto vários perfis aqui no tt de guris da minha idade com corpos perfeitos” (2019). Outro tuíte diz: *“eu acho mto bizarro quando alguém posta uma foto antes e depois de perder não sei quantos quilos e tem uma chuva de comentários dando parabéns quando eh questão de saúde ok sabe*” (2017). Essas postagens apontam para a forma como os discursos medicalizantes são incorporados pelos sujeitos, a ponto de os usarem para regular, além de seus próprios corpos, também os dos outros, nas novas dinâmicas sociais em que as redes sociais on-line despontam.

Com a pesquisa junto ao *Twitter* encontramos, frequentemente, postagens de sujeitos com seus corpos suados e em ambientes como uma academia de ginástica e musculação, com seus aparelhos e objetos que remetem à masculinidade. Os efeitos dessas postagens, que geralmente trazem um comentário como *“o de hoje está pago”*, podem ser danosos a outros, como foi para um sujeito que postou: *“eu tou chorando porque me vejo nesse papel. Todos os dias eu fico me maldizendo, que não sou capaz de fazer o suficiente. Me sacrificando em níveis além dos toleráveis. Cara, eu espero escapar disso um dia*” (2019).

Joel Birmam (2012) destaca que o individualismo “como autocentrimento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis” (Birmam, 2012, p. 179) na atualidade. Esse autocentrimento “se apresenta inicialmente sob a forma de estetização da existência” que acontece por meio de uma “exaltação gloriosa do próprio eu” (Birmam, 2012, p. 179), tendo seu correlato na “cultura da imagem”. Para o autor, “o cuidado excessivo com próprio eu se transforma em objeto permanente para a admiração do sujeito e dos outros, de tal forma que aquele [o sujeito] realiza polimentos intermináveis para alcançar o brilho social” (Birmam, 2012, p. 180). O currículo das redes sociais, com suas tramas que envolvem confissão, exposição e vigilância constantes, parecem ser o instrumento perfeito para esses polimentos intermináveis apontados por Birman (2012). O desfile de corpos que a pesquisa no *Twitter* permitiu acessar diz dessa cultura da estetização do eu em que “o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica” (Birmam, 2012, p. 180).

De acordo com Birman (2012, p. 181), o consumo ou ‘predação’ sexual de corpos atua nos processos de constituição dos sujeitos através de uma exaltação de

si mesmo. Exaltação na qual a “exibição se transforma no essencial da existência, sua razão de ser”. Na atual cultura do espetáculo, que toma o sujeito e exige dele uma infinita performance marcada pelo narcisismo, o fracasso do sujeito em realizar essa estetização glorificada do eu produz as depressões, a síndrome do pânico e as toxicomanias para as quais grandes laboratórios investem recursos em pesquisas e soluções farmacológicas, em detrimento de outras possibilidades. Assim, por meio de artefatos e tecnologias bioquímicas e psicofarmacológicas, os sujeitos que fracassam em sua “participação [...] na cultura do narcisismo”, tentam se recuperar e ter “acesso à majestade da cultura do espetáculo e ao mundo da performance” (Birmam, 2012, p. 182), e conter as mazelas do narcisismo, mais uma vez, recorrendo à medicalização de seus corpos.

Considerações finais

Inspirados nas perspectivas foucaultianas, buscamos problematizar as formas pelas quais o discurso medicalizante pode operar na produção de sujeitos e subjetividades, a partir de uma composição de enunciados médicos, biomédicos, farmacêuticos, estrategicamente apoiados na ciência e na biotecnologia, que circulam no currículo cultural das redes sociais, como o *Twitter*. Um currículo que engendra condutas e comportamentos para os corpos de sujeitos homossexuais masculinos. Desse modo, como as discussões deste artigo procuraram demonstrar, a medicalização é um dos mais importantes dispositivos contemporâneos de produção das sexualidades.

Com os tuítes destacados, podemos notar que, de uma forma ou de outra, quer seja na academia, de forma natural ou por meio de suplementos ou anabolizantes, quer por meio do Viagra, próteses ou procedimentos cirúrgicos ou estéticos, o que vemos é que “*tá todo mundo se montando todo dia*”, como enunciou um sujeito em 2019. Além disso, a potencialização das performances desse corpo como um projeto instiga alguns a experimentação de substâncias, como o *crystal meth*. Assim, “o discurso da medicalização nos contempla, nos seduz, traz respostas e alívio” (Dantas, 2009, p. 567).

É considerando essa produção médico-farmacêutico-tecnológica do corpo em nossos dias que nos parece pertinente a pergunta de um internauta: “*o que é a cirurgia*

plástica senão um Viagra ad eternum?” (2019). Mediante a profusão de produtos e serviços da área de saúde, que passam a fazer parte de nossos desejos de consumo, essa provocação, postada como resposta aos comentários e às duras críticas de usuários do *Twitter* às “*gays ipanemers*” pelo uso do Viagra para aumentar o volume dos pênis, nos convida a refletir criticamente sobre os modos como esses produtos e discursos participam da constituição dos sujeitos. Permanecemos, desse modo, instigados a pensar que o julgamento e a polemização associados aos usos das ‘drogas de escolha’ limitam possibilidades de ampliar o debate. Optamos por nos questionar sobre os efeitos pedagógicos dessa discursividade que circula pelas redes sociais, indagando como podemos constituir menos experiências de sujeição, promovendo formas de existência que se conduzam a partir da problematização, resistência e reinvenção de nossas relações com o currículo das redes sociais.

Referências

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRANQUINHO, Bruno. Por que os homens gays estão tão infelizes com seus corpos? **Carta Capital**, São Paulo, 02 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/por-que-os-homens-gays-estao-tao-infelizescom-seus-corpos/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

CABRAL, Cláudio O. G. “**Tenho mais cadastro em farmácia do que em baladas**”: rastros de discursos medicalizantes em enunciados de sujeitos homossexuais masculinos no *Twitter*. 2023. 218 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2023.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 44, p. 22-44, mar./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/2737>. Acesso em: 10 abr. 2025.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima.; MOYSÉS, Maria Aparecida. **A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico**: a patologização da educação. São Paulo: FDE, 1994.

COM o objetivo de um “volume” maior, homens usam spray que causa inchaço e 1/4 do comprimido de Viagra. **O Maranhense**, São Luís, 2020. Disponível em: <https://omaranhense.com/com-o-objetivo-de-um-volume-maior-homens-usam-spray-quecausa-inchaco-e-1-4-do-comprimido-de-viagra/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

COSTA, Marisa V.; WORTMANN, Maria Lúcia; BONIN, Iara T. Contribuições dos estudos culturais às pesquisas sobre currículo – uma revisão. **Currículo sem Fronteiras**, [S. L.], v. 16, n. 3, p. 509-541, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/costa-wortmann-bonin.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.

DANTAS, Jurema Barros. Tecnificação da vida: uma discussão sobre o discurso da medicalização da sociedade. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 21, n. 3, p. 563-580, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/FwQmjsZxb8Yz4KdPdNpwQkM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.

FERNANDES, Belmiro. **O Chemsex como padrão comportamental**: e a adequação do sistema de saúde brasileiro à luz bioética de intervenção para o acolhimento dos envolvidos. 2020. 198 f. Tese (Doutorado em Direito). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71363/40517>. Acesso em: 01 fev. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**: Ética, sexualidade e política. Trad.: Elisa Monteiro e Inês Autan Dourado Barbosa. Org.: Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora VMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**: Antropologia e sociedade. Trad.: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2014.

MEYER, Dagmar; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidades, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/Rdpn3PcrXKjt8ppzCJcfWsx/>. Acesso em: 19 mai. 2025.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, mai./ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/MnrBfYmbrZ4zfVqD3C5qkYp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**, sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad.: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N - 1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Trad.: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ROHDEN, Fabiola. Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 89-109, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-6X2009000100006/10985>. Acesso em: 16 mai. 2025.

ROHDEN, Fabiola. Vida saudável *versus* vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 29-60, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/NHHX5NcL4yFYXNX88msZyXh/?format=pdf>. Acesso em: 19 mai. 2025.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; ORTEGA, Francisco; BEZERRA, Benilton. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1859-1868, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/nqv3K7JRXxmrBvq5DcQ88Qz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 mai. 25.

Medicalization of male homosexuality in Twitter's cultural curriculum

Abstract

This article presents some of the outcomes of a doctoral research project in Education, focusing on traces of medicalizing discourses about male homosexuality on the social network Twitter (currently 'X'). Discussions were monitored, and tweets were collected and archived, through the use of print screen captures, containing content referred to the processes of medicalization of life and sexuality in contemporary society. The analysis draws on Foucault's theoretical framework and studies on medicalization, gender, sexuality, and education, from the perspectives of cultural studies and post-structuralist approaches. For this article, we selected two analytical topics that explore how Twitter can be understood as a form of curriculum that activates discourses on medicalization — shaping modes of existence through both the pleasures and risks involved in the recreational use of certain substances during sexual relations, as well as practices aimed at enhancing and adapting bodies to heteronormative standards of masculinity. We conclude that medicalizing discourse, as one of the most important contemporary devices for the production of sexualities, has pedagogical effects on the constitution of subjectivities, based on a composition of medical, biomedical, and pharmaceutical statements, strategically supported by science and biotechnology, which circulate in the cultural curriculum of social networks, such as Twitter, engendering conduct and behaviors for the bodies of male homosexual subjects.

Keywords

Medicalization; Male homosexuality; *Twitter*.

Agradecimentos: Não se aplica.

Agência financiadora: Não se aplica.

Contribuições das pessoas autoras: Cláudio O. G. Cabral contribuiu com a escrita do rascunho original; atuou na coleta, curadoria e análise de dados. Roney Polato de Castro contribuiu com a escrita do rascunho original, com a revisão e edição, com a análise de dados e atuou na orientação das etapas do trabalho. Todas as pessoas autoras aprovam a versão final apresentada.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação: Não se aplica.

Conflito de interesses: inexistente conflito de interesse.

Declaração de utilização de Inteligência Artificial: não foi utilizada qualquer ferramenta de IA.

Pessoa autora correspondente: Roney Polato de Castro, Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: roney.polato@ufjf.br. Endereço: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, campus universitário, Rua José Lourenço Kelmer, s/n, bairro São Pedro. Juiz de Fora/MG.

Recebido em: 31/05/2025

Aceito em: 22/02/2026